

Trabalhos Científicos

Título: Tratamento Da Parceria Sexual: Um Desafio No Controle Da Sífilis Congênita

Autores: DAVI CASTOR DA SILVA (UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA), MARINA AGUIAR PALLOTTA (UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA), ISABELA ROMANCINI (UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA), GIOVANNA PAZETTI DIAS (UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA)

Resumo: O controle da sífilis congênita é um desafio na Baixada Santista, sendo a falta de adesão ao tratamento pela parceria sexual da gestante um fator determinante na prevalência desta doença. Ressalta-se a necessidade de estudos sobre a casuística. Analisar os índices de tratamento do parceiro nos casos de sífilis congênita na Região Metropolitana da Baixada Santista (RMBS). Estudo série temporal, ecológico, dos casos de sífilis congênita na RMBS no período de 2013 a 2023. A partir do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) e do departamento de informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DATASUS). Os municípios integram a RMBS, sendo Bertioga, Cubatão, Guarujá, Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe, Praia Grande, Santos e São Vicente. Foi avaliado a realização ou não do tratamento do parceiro nos casos de sífilis congênita, com a escolaridade, faixa etária (adolescentes 14 a 19 anos, jovens adultas de 20 a 24, adultas acima de 24 anos) e realização do pré-natal da mãe. Para análise foi utilizado o programa estatístico SPSS versão 15.0. A normalidade dos dados foi avaliada pelo teste de Kolmogorov-Smirnov, aplicando o teste Kruskal-wallis com nível de significância de $p < 0,05$. Conforme a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, não é necessário aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa. No período avaliado, foram notificados 2798 casos, sendo que em 68% destes as parcerias sexuais não realizaram o tratamento, com uma média de 35 (DP = 22,26) pessoas que realizaram. Os anos com maior prevalência de parceiros não tratados foram 2017 (82%), 2014 (77%) e 2013 (73%), em contrapartida, 2023, 2020 e 2022 tiveram as menores taxas, respectivamente, 43%, 48% e 63%. Em relação aos municípios, as maiores taxas dos parceiros sexuais que não realizaram o tratamento estão concentradas em Santos (32%), Praia Grande (26%), São Vicente (17%), Cubatão (9%), Guarujá (8%), Itanhaém (6%), Bertioga (1%) e Mongaguá (0%). Dos casos de sífilis congênita, cujo parceiro sexual não aderiu ao tratamento, 99% dos diagnósticos se deram em até 6 dias após o nascimento do bebê. Ao analisar o perfil das mães de bebês com sífilis congênita que tiveram parceiros sem tratamento, a faixa etária predominante foi a de jovens adultas (33%), seguida de adultas (24%) e adolescentes (19%). No que diz respeito à escolaridade, 45% das mães não chegaram a concluir o ensino médio e, em relação aos 19% que concluíram o ensino médio ou mais, seus parceiros sexuais tiveram maior adesão ao tratamento ($p = 0,000$). Dos bebês que nasceram com sífilis, 79% das mães realizaram o pré-natal. Compreende-se, portanto, que ao longo dos anos e nas diferentes cidades da Baixada Santista, há um índice alarmante de parceiros sexuais que não foram tratados, principalmente nos que se relacionam com mulheres jovens e de baixa escolaridade. Assim, impondo um constante desafio e, muitas vezes, invalidando todas as medidas de controle durante o pré-natal até mesmo em gestantes tratadas adequadamente.